

Índice

Ideias para levar a calma ao espaço público.....	1
Libertadas da pílula	2
Uma experiência de política familiar	3
“Unidos por Boston”	4

Ideias para levar a calma ao espaço público

A imagem de um espaço público imperturbável, onde pessoas com diversas visões do mundo trocam pareceres de forma educada e serena, reflete mais um ideal do que uma realidade na política contemporânea. Mas o facto da harmonia social ser difícil de alcançar não significa que estejamos condenados à críspação permanente. Várias iniciativas nos Estados Unidos promovem o respeito pelo adversário como uma exigência para fazer baixar os níveis de conflito na vida social.

O Pew Research Center tem vindo há algum tempo a advertir sobre o aumento da polarização nos EUA. Em 2014, a antipatia para com os votantes do partido rival [chegou ao seu ponto mais alto](#) em duas décadas. E, em 2016, voltou a bater um [novo recorde](#): pela primeira vez, a maioria dos republicanos (58 %) e dos democratas (55 %) afirmava ter uma visão “muito desfavorável” dos seus adversários.

Para a hostilidade contribuem as etiquetas, que fazem elevar o nível de desprezo mútuo: os rivais são descritos como “fechados na sua mente”, “imorais”, “duvidosos”, “desonestos” ou “menos inteligentes”. Um perigoso traço de época é a tendência para personalizar: 70 % dos democratas e 63 % dos republicanos consideram que a visão política de uma pessoa “diz muito” sobre o seu carácter.

Os jornalistas do “The New York Times”, Emily Badger e Niraj Choksi, [explicam](#) que uma parte do problema foi criada pelos partidos, cujas mensagens eleitorais se tornaram mais belicosas. Muito menos ajuda o crescimento dos meios de comunicação partidários, que amplificam a retórica agressiva das

campanhas. Por seu turno, os cidadãos têm vindo a perder o contacto face a face que costumavam ter com pessoas de diferentes opiniões.

O resultado destas tendências é paradoxal: enquanto o espaço público se fragmenta em “esferas de discussão cada vez mais privadas” ([Victor Lapuente](#)) ou em “filtros bolha” ([Elie Pariser](#)), com a consequente perda de contacto direto entre pessoas que pensam de forma diferente, aumenta a tendência para substituir os debates de ideias pelos juízos de intenções: o adversário não só está errado, como é uma pessoa imoral e as suas opiniões denotam maldade. Fala-se menos com os rivais políticos – e, inclusivamente, conhecem-se menos pessoalmente –, mas emitem-se mais julgamentos sobre eles.

Neste contexto, onde é mais fácil demonizar o adversário, são eloquentes os testemunhos públicos de amizade entre pessoas de tendências opostas, como os juizes do Supremo Tribunal dos EUA, [Ruth Bader Ginsburg e o falecido Antonin Scalia](#), ou os professores [Robert P. George e Cornel West](#), que gostam de debater diante dos seus alunos para os ensinar que é possível discordar com respeito, sem apresentar o rival como alguém que deve ser odiado.

Muito menos têm a intenção de se odiarem os 46 congressistas democratas e republicanos que tomaram posse dos seus lugares na Câmara de Representantes em janeiro de 2017. Para diminuir a tensão do Congresso, os recém-chegados redigiram e [assinaram](#) um documento, intitulado “Commitment to civility”, no qual se comprometeram a restaurar o civismo no debate público.

Na mesma linha é o testemunho de duas amigas, Caitlin Quattromani (republicana) e Lauran Arledge (democrata).

Cansadas com o insano clima de crispação do seu país, decidiram partilhar numa [conversa TED](#) a sua estratégia para manter o que já batizaram como uma “amizade bipartidária”. Conheceram-se em 2011 e, embora no início reservassem as conversas políticas para o capítulo das brincadeiras, pouco a pouco foram querendo enfrentá-las a sério.

Também elas detetaram que um dos obstáculos para encetar este tipo de conversas é a tendência para encarar as discórdias como “uma afronta pessoal aos nossos valores e crenças”, nas palavras de Lauran. Quando se considera a crítica às nossas ideias como um ataque direto, é mais fácil sentir-se alvo de ofensa e, por isso, diminui a tolerância ao desacordo. Para evitar este nocivo ponto de partida, recomendam alterar o foco de atenção. Trata-se de “substituir o nosso ego e o nosso desejo de ganhar [as discussões], pela curiosidade, pela empatia e pelo desejo de aprender”.

É o que fez Caitlin quando se apercebeu que a sua amiga tinha assistido à chamada [Marcha das Mulheres](#), convocada no dia seguinte à tomada de posse de Donald Trump como presidente. Caitlin ficou incomodada que se tivesse organizado um protesto contra o republicano sem lhe ter dado tempo para governar. Também não gostou que Lauran tivesse assistido à marcha com os seus filhos pequenos. Mas em vez de se calar e ficar enfurecida com a sua amiga, optou por lhe perguntar os seus motivos.

Depois da explicação de Lauran, Caitlin não alterou a sua opinião sobre o protesto. Mas conseguiu compreender as razões da sua amiga suficientemente bem, de forma a que a hostilidade desaparecesse. E o mesmo se passou com Lauran quando perguntou a Caitlin por que havia votado Trump. Para elas, o essencial é ter a coragem de perguntar e de escutar os motivos do outro.

Uma abordagem semelhante segue o The Asteroids Club, um formato de encontros políticos desenhado pelo especialista em psicologia social, Jonathan Haidt. Conforme [explica](#) na *web* da organização Civil Politics, trata-se de um fórum “para pessoas com visões políticas diferentes que se reúnem não para debater, mas para escutar os do outro lado, porque estão preocupadas com determinados temas que consideram ser ameaças”.

O nome do clube evoca a imagem de asteroides aproximando-se da Terra. Perante esta ameaça, o ideal seria que os cidadãos se unissem para atenuar o seu impacto. Contudo, no plano político, a tendência é a oposta: cada lado do arco ideológico concentra-se nalguns asteroides e ignora os que preocupam o outro.

Para compensar estas omissões, o The Asteroids Club propõe jantares onde se abordem dois temas: um que suscita preocupação de forma especial aos “progressistas” (por exemplo, a desigualdade); e outro que concita mais o interesse dos “conservadores” (as ruturas familiares). Durante o jantar, por turnos, cada lado explica por que motivo o preocupa tanto o problema escolhido. Os que assistirem, podem pedir-lhes que

desenvolvam mais determinado argumento e até levantar objeções, mas sem chegar a entrar em debate. O objetivo dos jantares é criar um ambiente descontraído para que os “progressistas” conheçam melhor as posições dos “conservadores”, e vice-versa.

Ravi Iyer, diretor executivo da Civil Politics, menciona outra iniciativa similar, promovida por uma organização sem fins lucrativos da Califórnia: [Living Room Conversations](#). Trata-se de tertúlias caseiras em torno de temas polémicos atuais. Diversamente do fórum proposto por Haidt, aqui não existe uma divisão dos assistentes consoante as preferências políticas. Busca-se sim a diversidade de opiniões: para cada tertúlia, costuma haver dois anfitriões com posições conflitantes sobre o mesmo tema, e cada um deles convida dois amigos. Novamente aqui, o objetivo não é debater, mas ter “conversas com respeito mútuo” destinadas a “melhorar a compreensão” de um assunto controverso.

J.M.

Libertadas da pílula

Começar a tomar a pílula foi para muitas mulheres jovens um rito de passagem para a idade adulta. Nenhum outro fármaco gozou de tal aura de libertação como meio de controlar a fecundidade e a sexualidade. Sim, tinha certos efeitos secundários, mas o que era isso em comparação com a despreocupação que trazia? Os laboratórios e os médicos transmitiam uma mensagem tranquilizadora para as utentes.

Mas passaram cinquenta anos e a pílula está a perder o seu *glamour*. Neste caso, as razões médicas juntam-se às correntes profundas de regresso ao natural. Em França, nos últimos anos, a pílula está em baixa e fala-se já de uma geração pós-pílula. As línguas desataram-se e já é possível recusar a pílula sem parecer uma pessoa reacionária. Assim, num livro recentemente publicado, a jornalista Sabrina Debusquat proclamou “[J'arrête la pilule](#)” (“Deixo a pílula”), como um grito libertador. Mas também é impressionante que meios de comunicação tradicionalmente de esquerda como “[Le Nouvel Observateur](#)” e “[Le Monde](#)” se façam eco do livro e do fenómeno que testemunha. O “Le Monde” fez uma petição *on line* para recolher testemunhos, e mais de 1000 mulheres responderam para explicar por que motivos deixaram a pílula.

Em França, o *shock* chegou em dezembro de 2012, quando trinta mulheres que haviam sofrido acidentes vasculares graves, embolias pulmonares ou trombozes venosas enquanto tomavam a pílula, [apresentaram queixas](#) contra quatro laboratórios farmacêuticos. Estes casos tiveram uma grande reper-

cussão mediática e puseram em relevo o maior risco de acidente cardiovascular associado sobretudo às pílulas de 3.^a e 4.^a gerações, que são as mais modernas. Devido a este maior risco, [o Ministério da Saúde decidiu não financiar estas pílulas](#).

O alarme nas utentes da pílula teve consequências nas vendas. O inquérito do "[Étude Fecond 2013](#)" mostrou que, embora a pílula continuasse a ser o método de contraceção mais usado, o seu uso caíra de 50 % em 2010, para 41 % em 2013. Uma em cada cinco mulheres declarou ter mudado de método de contraceção devido às informações divulgadas. As que abandonaram a pílula optaram por outros métodos: DIU (+1,9 pontos), preservativo (+3,2), ou métodos naturais (+3,4).

Nos últimos dez anos, o recurso à contraceção oral caiu 14 pontos em França. Faltam dados estatísticos mais recentes, mas as impressões recolhidas na imprensa perguntando a ginecologistas, confirmam este descontentamento em relação à pílula, especialmente entre as mulheres com menos de 30 anos. Os riscos cardiovasculares não são os únicos associados à pílula. Outro estudo de 2016 publicado na revista "[JAMA Psychiatry](#)" relacionou a utilização de contraceptivos hormonais com a maior frequência de episódios depressivos.

Estes e outros estudos levaram a que pouco a pouco se tenha levantado o véu sobre os efeitos indesejáveis da pílula. Não é que sejam todos uma novidade, mas cada vez se toleram menos: aumento de peso, enxaquecas, fadiga, baixa da libido, efeito depressivo... transtornos que afetam diferentes utentes.

Também têm influência as correntes de fundo da época, que levam a privilegiar o natural. "A pílula é um perturbador endócrino", proclama Sabrina Debusquat. Nota-se um desejo de recuperar os ritmos naturais. Mais mulheres [estão a descobrir os métodos naturais de regulação da natalidade](#), seja para evitarem os riscos da contraceção hormonal, seja pelo desejo de ficarem grávidas. O *boom* das aplicações móveis pensadas para reconhecer os dias férteis é outra manifestação deste fenómeno.

A desconfiança perante os laboratórios farmacêuticos e os conflitos de interesses dos médicos contribuíram também para minar a popularidade da pílula. Uma piada que ilustra o artigo do "Le Monde" reflete a diversa abordagem de duas gerações de mulheres. Uma delas já com alguma idade diz à sua filha: "Mas a pílula foi um instrumento de libertação da mulher!". "A partir dessa altura, mas queremos libertar-nos também da indústria farmacêutica", responde-lhe a filha.

É igualmente um modo de envolver mais o homem na regulação da natalidade. Com a pílula, a mulher converteu-se em dona absoluta da sua fecundidade, mas também assumiu sozinha os seus incómodos e riscos. Agora, por ironia da história, as que deixam a pílula pelos métodos naturais obrigam o homem a partilhar a carga.

I. A.

Uma experiência de política familiar

No início de outubro último, realizou-se em Roma a III Conferência Nacional para as Famílias, convocada pelo governo italiano. A atual conjuntura desse país não joga a favor da renovação das políticas familiares, porque à legislatura resta pouco tempo de vida. Mas serviu para dar a conhecer novos pormenores da experiência da província autónoma de Trento: mostra que, quando existe iniciativa, pode-se fazer muito mais.

Para superar as abordagens assistenciais clássicas, a região elaborou um ambicioso programa, que permite o protagonismo da família nos diversos âmbitos de gestão pública. Pode conhecer-se em pormenor, graças aos relatórios publicados desde há 11 anos, que configuram um autêntico prontuário para as famílias trentinas. A última [atualização](#), de 2016, tem mais de 200 páginas.

O trabalho realizado é fruto de uma colaboração entre o público e o privado, concretizada em interações entre a agência provincial para a família de Trento e o Fórum de Associações Familiares do Trentino. Participam ativamente na recolha da informação e em colocá-la à disposição das diversas entidades envolvidas: famílias, cidadãos, associações, instituições, organismos públicos e privados.

A página *web* disponibiliza a consulta de inúmeras matérias: redução de taxas, serviços para as famílias, atividades desportivas, férias, inovações tecnológicas, paridade de oportunidades, políticas de juventude, serviço civil, conciliação de família e trabalho, promoção de projetos de bem-estar familiar, voluntariado, bolsas de estudo, subsídios regionais, ajudas para aluguer de habitações, fundos para a formação dos jovens, etc.

O diretor da agência para a família nessa província, Luciano Malfer, concedeu uma ampla [entrevista](#) após a Conferência efetuada em Roma. Reflete a avaliação positiva da política familiar: não como uma espécie de carga orçamental, mas como um meio de promover o bem comum. Tudo indica que, em Trento, se fez uma autêntica viragem cultural, através da centralidade da família, também com efeitos importantes no indispensável crescimento populacional: a província tem a maior taxa de natalidade de Itália: 1,54 % contra 1,33 % do país.

Malfer sublinha a importância da abordagem de fundo, que facilitou a continuidade desde 2004. Tem vindo a avançar desde então a colaboração dos municípios e das empresas nos diversos projetos ou linhas de atuação, desde os transportes aos museus, ou a recolha de lixos... Abarca, inclusivamente, o setor do turismo, com medidas concretas também favoráveis às famílias dos visitantes, com a classificação de lugares como *family-friendly*.

A vantagem da abordagem é que não acrescenta custos económicos às prestações básicas que já existem por direito comum. Não é preciso aumentar os gastos públicos, mas mudar de perspetiva. O núcleo desta política condensa-se talvez no desenvolvimento da metodologia para estabelecer a “marca família” ou os “certificados territoriais familiares”, que consistem em destacar espaços amigáveis que cumprem os requisitos previstos: uma empresa, um restaurante, um hotel, uma loja...

A título de exemplo, Malfer descreve as características de um restaurante familiar: ter um menu para crianças, preços ao alcance da família, casos de banho acessíveis, serviço especial para famílias com crianças. Assim, os restaurantes de “marca família” disponibilizam gratuitamente um jarro de água ao entrar: resposta a uma necessidade familiar típica.

Em matéria educativa, as regiões italianas têm pouca margem de manobra. Mas em Trento, encetaram-se políticas positivas para a família em matéria de livros escolares ou sobre a conciliação de horários e serviços de apoio.

Por seu turno, as empresas comprometem-se a facilitar a conciliação entre trabalho e família com horários flexíveis que permitem atender às necessidades familiares.

Além disso, o governo regional revê anualmente com os municípios os planos destes que abrangem diretamente as famílias, como o estabelecimento de zonas de lazer, com iniciativas, oportunidades, ofertas, promoções, descontos, etc. No total, existem 19 “distritos” familiares aos quais aderiram 750 organizações, 70 % privadas, sinal de uma mudança cultural decisiva que avança: em Trento, promove-se sobretudo uma alteração de mentalidade, para encarar a família não como uma carga, mas como um motor de desenvolvimento e bem-estar social.

“Unidos por Boston”

“Patriots day”

Realizador: Peter Berg

Atores: Mark Wahlberg; J. K. Simmons

Duração: 121 min.

Ano: 2016

Em 2013, a maratona de Boston é alvo de um atentado mesmo junto à meta. Duas bombas explodem. Morrem várias

pessoas e bastantes ficam feridas, em especial entre os espectadores. No meio da confusão que se gera, há famílias e amigos que perdem o contacto uns com os outros, o que vai dificultar a identificação imediata do autor ou dos autores do crime.

O filme baseia-se em factos reais, narrando a “caça ao homem” que é montada pelas forças policiais. O bom resultado da operação só será possível graças à união de esforços entre todos. Num mesmo barracão transformado em base de operações, trabalham lado a lado detetives e forças especiais. A troca de *feedback* é constante e os dados que se vão obtendo são logo analisados. Quando se descobre quem são os agressores, através das câmaras de segurança das ruas, toda a população é avisada e envolvida neste processo, pedindo que se virem algum movimento suspeito, avisem de imediato as forças policiais. Este facto vai unir toda a cidade em torno de um objetivo. Também aos colegas de turma de um dos agressores são pedidas pistas para a busca. No final, tudo acaba bem, devido ao trabalho de equipa entre todos os envolvidos.

Tópicos de análise:

1. Trabalhar em conjunto facilita o encontro de soluções.
2. Ter um objetivo concreto potencia a coordenação de esforços.
3. Dar um *feedback* constante alivia a pressão perante a questão.

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE

